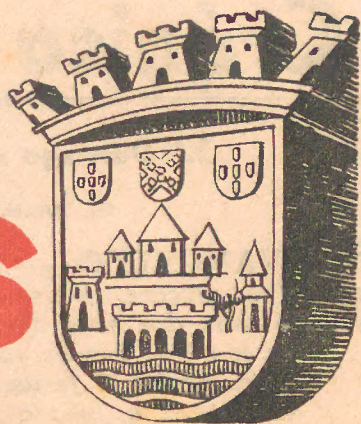


# Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Administrador: ARTUR BASTO — Telefone, 8452  
Redacção e Administração: R. D. António Barroso, 42-44  
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Director, Editor e Proprietário:  
P.º Alfredo Martins da Rocha

Redactores Principais:  
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS — Telef. 8451  
JOSÉ TEIXEIRA — Telef. 8418

## NO CENTENÁRIO DE Guerra Junqueiro

Por A. ROCHA MARTINS

Escrevemos no número quarenta deste jornal algumas considerações a respeito do centenário do eminente vate português e não pensávamos voltar ao assunto se as comemorações que se estão a realizar e os escritos que se têm publicado a isso nos não impelisse.

Ninguém ignora que a hora presente é decisiva por estarem frente a frente duas civilizações — a civilização materialista e a civilização cristã. Ambas disputam o comando do mundo!

Pois é, precisamente nesta hora tão conturbada e tragicamente marcada dos estigmas do sofrimento, que, por determinação das circunstâncias, ocorrem os cem anos após o nascimento, em Freixo de Espada à Cinta, de Guerra Junqueiro.

À volta deste centenário têm-se feito os comentários mais dispares e as apreciações mais contraditórias. Há os que veem em Guerra Junqueiro uma espécie de Messias, pessoa superior a todas com capacidade de abarcar e solucionar convenientemente todos os problemas dum povo, nomeadamente os problemas do seu espírito e da sua crença. O próprio Junqueiro, nas suas críticas e insinuações à Igreja e ao Regime, dá a perceber, num orgulho imperdoável, a sua superioridade.

Outros veem, no poeta da Pátria e da Velhice, o sarcasta impenitente, o demolidor sangüinário, o blasfemo incorrigível. Outros, ainda, aliciados pelo verbalismo oco e sonoro dos seus versos — por vezes orquestrações incomparáveis — alcandoram-no, endeusam-no e tem a convicção de que acima de Junqueiro não poderá estar mais ninguém, nem mesmo o imortal cantor dos Lusíadas.

Que cada um pense como quiser, mas que todos os que escrevem para o público tenham a noção precisa da responsabilidade por os escritos que ficam para a posteridade terem a missão de informar os espíritos e porventura criar ideias a respeito de determinados problemas.

Não nos deixamos seduzir pela beleza da forma ao pronunciarmos o nosso testemunho a respeito do poeta porque o artista não pode cingir-se, contentar-se apenas com isso.

Não nos deixamos impressionar somente pelas incoerências, blasfémias ou durezas de Junqueiro porque tudo isso não pode ser o retrato fiel do poeta. Pretendemos, antes, que Guerra Junqueiro tem altos e baixos, tem coisas muito boas e muito belas e tem outras simplesmente hediondas e escandalosas. E fique este aviso para a comissão que organizará a reedição da obra junqueireana.

Não é apenas mau aquilo que ele, em hora de serenidade, repudiou, pois, como é muito difícil ao pai descobrir todos os defeitos dos filhos, assim, do mesmo modo, é quase impossível ao escritor ver todos os erros da sua obra.

Guerra Junqueiro ressentiu-se do ambiente demolidor em que viveu e não teve génio, nem talento para pai-

(Continuação da página 6)

DE  
OITO EM OITO  
DIAS

### Presidente da Câmara

Pode dizer-se que o Governo reconheceu a política administrativa, a ponderada persistência e espírito de iniciativa de que é dotado o presidente da edilidade barcelense, que, sem alardes de maior, se entrega à sua tarefa que se vai tornando palpável. O Governo da Nação reconheceu-o já publicamente; mas é necessário que nos tornemos nós reconhecidos, também, que prestemos publicamente homenagem ao homem que realizou a obra grandiosa de restauro e de progresso que se vê iniciada.

Sem afectações, pondo de parte ressentimentos que, porventura, existiam, rodeemos o Município daquela auréola de carinho e de simpatia que o ajudem a fazer mais e melhor. Só assim se podem vencer dificuldades e traspor obstáculos. E, entretanto, que aguardamos que alguém inicie a realização dessa homenagem, que não seria extemporânea, nem imerecida, fiquemos nós tranquilos por a ter concebido, prestando o mais justo e também o mais desinteressado elogio à acção dinâmica e frutificadora do Presidente da Câmara de Barcelos, Snr. Dr. Mário Norton.

Escrevemos estas palavras em Fevereiro de há três anos e porque não é nosso hábito dizer hoje para desdizer amanhã, nada nos repugna transcrever-las como se fosse hoje o nosso verdadeiro pensamento — o pensamento do Jornal de Barcelos.

Fez ontem seis anos que o Snr. Dr. Mário Norton assumiu a presidência da Câmara Municipal e porque nunca recebemos qualquer benefício ou mera atenção — nem da entidade nem da pessoa — estamos à vontade para escrever com independência de critério e de pensamento.

(Continua na página 3)

## Notas à margem

### XV — Nascer de novo!

Tocado pela Graça, Nicodemos, membro do Sinédrio, solicita uma entrevista com o Divino Mestre. E apesar de se encontrar de posse da verdade, de crer portanto na missão divina de Jesus Cristo, esse eminente da terra, sente relutância, teme as consequências da publicidade dessa entrevista, atentas a sua condição e posição — doutor da lei e príncipe do Sinédrio.

Em tais apuros, consegue que o encontro tão ardentemente desejado, seja feito em silêncio, em lugar secreto e discreto, em algures, e pela calada da noite... E como Jesus acedeu ao desejo e às condições desse príncipe do Sinédrio, a entrevista realizou-se sem deixar rasto, ficando ao tempo, no mais completo segredo dos deuses...

(Continua na página 2)

## GETHSEMANI

Ao Amândio César

Jesus!

Como naquela noite de horror, misteriosa,  
Em que a Tua voz s'ergueu, angustiosa,  
E Tu abraças-te, fervente d'Amor, a Cruz,  
Eu, algum dia,  
Fui arremessado a um horto de agonia,  
Onde derramei amargo pranto,  
O meu rosto rojou a terra fria,  
E a incendida linfa de meus olhos  
Foi refrigério do chão para os abrolhos...

Senhor!

Sofro o meu calvário d'amarguras!  
Meu viver é todo desventuras!  
O meu caminho é pélagos d'escolhos!  
E os meus olhos  
Não cessam de chorar!  
Cada hora que passa é horto d'agonia!  
Noite de dor e de tristeza é cada dia!  
Correm minhas lágrimas por o chão!  
E ao meu coração  
Trespasa cutelo inclemente!

Senhor!

Como naquela noite de Dor e desamparo  
Veio o Anjo de Deus a confortar-vos,  
Pois sofríeis tanto,  
Senhor! descei a mim,  
Ao antro soturno e frio onde habito,  
A este peito,  
De tão atormentado já desfeito!  
Oh! descei a mim!

Meu pranto enxugai com vossa mão sagrada!  
Vede! Eu desfaleço, a face angustiada!  
Vinde consolar-me com falas de amigo!  
Volve para mim o olhar, ó bom Jesus!  
E, se puderes, afasta a minha cruz...

Ou faze que eu a abrace com amor,  
Como tu outrora, ó meu Senhor!...

1950

ARMINDO FONSECA



# Crónica Religiosa

3.º Domingo depois do Advento

S. Mateus II, 2-10

**EVANGELHO:**—« Naquele tempo, como João, estando no cárcere, tivesse ouvido as obras de Cristo, enviando dois dos seus discípulos, lhe fez esta pergunta: Tu és o que hás-de vir, ou é outro o que esperamos? E respondendo Jesus, lhes disse:

*Ide contar a João o que ouvistes e vistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos limpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, aos pobres anuncia-lhes o Evangelho; e bem-aventurado aquele que não for escandalizado em mim.*

*E logo que eles se foram, começou Jesus a falar de João às gentes:*

*Que saístes vós a ver no deserto?*

*Uma cana agitada do vento?*

*Mas que saístes a ver?*

*Um homem vestido de roupas delicadas?*

*Bem vêdes que os que vestem roupas delicadas são os que assistem no palácio dos reis.*

*Mas que saístes a ver?*

*Um profeta?*

*Certamente, vos digo, e ainda mais do que profeta.*

*Porque este é de quem está escrito:*

*Eis aí envio o meu anjo ante a tua face, que aparelhará o teu caminho diante de ti».*

## Comentário

pelo P.º ALBERTO

Todo o homem, rico ou pobre, nobre ou plebeu, tem de travar na vida um combate doloroso.

O seu temperamento, as circunstâncias do ambiente em que vive, as imposições familiares e sociais, esbarram muitas vezes com normas externas nascidas do poder e ordenadas ao bem comum, ao bem da sociedade.

Quantas lutas, por vezes sangrentas, para harmonizar o homem com a lei, o particular com o bem geral. Mas o combate mais doloroso e trágico é o que nasce dos direitos da verdade e das conveniências da mentira.

Quantas vezes o comodismo aconselha ao homem a traição aos gritos da sua consciência para se deixar vencer da inocuidade da mentira e da hipocrisia. E deste modo não se proclamam, e muito menos se defendem, os direitos sagrados da justiça e da verdade. Defender a verdade e professá-la integralmente obriga, quase sempre, a heroísmos constantes e a sacrifícios inauditos. Debruçado sobre a história da humanidade eu vejo essa clareira de luz espargida pelo exemplo heróico de tantos mártires que deram, num gesto inconfundível de amor, o sangue e a vida pela defesa intransigente da verdade que professavam. Esses são, na realidade, os grandes modelos que devemos imitar por terem conseguido, pelo esforço da sua vontade colaboradora com a graça divina, realizar o milagre da plena identificação do seu modo de viver com o seu modo de pensar.

O Evangelho deste Domingo, em palavras claras e incisivas, facultou-nos um precioso ensinamento cheio de oportunidade para esta hora

malfadada em que vivemos. Tenho diante de meus olhos o exemplo maravilhoso da coragem e desassombro de João Baptista denunciando e censurando os crimes nefandos praticados pelos altos poderes que governavam a sociedade do seu tempo.

Esses crimes e essa devassidão em que chafurdavam miseravelmente os homens eram a negação e o desprezo da justiça e do bem e eram, ainda, a proclamação inequívoca do poder sobre o direito, dos instintos sobre a moral e da paixão sobre a dignidade.

Parece, à nossa fraqueza e pusilanimidade, muito difícil ter de dizermos ao detentor do poder o caminho sinuoso que pisa. Custa-nos dizer-lhe que é criminosa a sua vida e que o onera a obrigação grave de dar o bom exemplo aos seus súbditos, sendo mais graves os seus deslises precisamente pela posição que ocupa.

Dizer tudo isto ao poderoso altivo e cheio de orgulho é sujeitar-se não só à sua antipatia mas, à vingança da sua vaidade ferida.

João Baptista conhecia os amores ilícitos e criminosos que se alimentavam na corte. Não teve receio em denunciá-los. Fê-lo desassombadamente. Isso mereceu-lhe a ira de Herodes e mais tarde o cárcere onde o encerraram.

Abstenho-me de comentários a esta página tão flagrante e tão aplicável aos nossos dias e aos nossos homens.

Hoje, mais do que nunca, urge pregar, com o desassombro de João Baptista, toda a verdade aos homens do nosso tempo. A mentira e o erro pervertem as consciências. A verdade ilumina docemente as almas.

Não podemos ocultar os rigores da justiça de Deus e os castigos implacáveis com que serão punidos os crimes

Dr. Sá Tinoco

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade, onde veio em serviço da sua profissão, o distinto causídico barcarensense e nosso prezado assinante Snr. Dr. Francisco Moreira de Sá Tinoco.

### Para o NATAL

Bacalhau grande

Açúcar Extra

Arroz Brasileiro

Aletrias

CASA ÁGUA

Av. dos Combatentes — Tel. 8445

da humanidade, embora se incorra no descontentamento quando se revela toda a verdade das coisas. Há homens que se melindram e zangam quando a verdade lhes ilumina a vida e lhes mostra o caminho falso que têm pisado. A verdade é luz e a luz pode queimar e ferir a vaidade dos homens e o seu pedantismo estulto e invulnerável. Há-os, tão fracos de vontade e de visão, que veem em tudo quanto se diz em nome da justiça e da caridade, uma censura aos seus actos ou, então, uma insinuação hábil à sua conduta, ao seu modo de agir em relação aos seus semelhantes.

Pessoas assim podem ter um zelo demasiado pela letra fria da lei mas esquecem que a letra mata e só o espírito vivifica.

Ao homem justo e racional cumpre não só aplicar a lei — nascida da vontade de Deus ou da dos homens sujeita à Divina, — mas, sobretudo interpretá-la lembrado daquela palavra de Jesus: «serás medido na medida de que usares para o teu semelhante».

A verdade tem os seus direitos sagrados e imprescritíveis e, por isso, o pregador da verdade terá muitas vezes de sofrer os castigos daqueles a quem a doutrina não convém por ser posição cômoda confundir o pregador com a doutrina que ele anuncia...

Outros ainda, maldosos e lentos de raciocínio, descobrem más intenções em quem lhes fala a linguagem simples, clara e afirmativa da verdade e não têm receio de julgar inoportuna e até prejudicial ao bem comum, tal pregação.

Não é difícil, mesmo aos mais injénuos, constatar este facto desolador.

Para esses lembramos a palavra contudente de S. Paulo: «prega a verdade, importuna e oportunamente».

Leitor amigo, como Jesus aos emissários de João Baptista, eu te digo hoje: «pela lei de Deus e pela acção de Cristo, os cegos veem, os surdos ouvem, os paráliticos andam, os mortos ressuscitam». Quem opera estes prodígios é o mesmo que te prega a Verdade, a Justiça e o Amor.

## Cooperativa de Construções Económicas

«A NOSSA VIVENDA»

(S. C. R. L.)

### AVISO

Para garantir plena igualdade entre os sócios efectivos, não será atribuído o número de ordem, para cada sócio, senão no dia 30 do corrente mês, às 22 horas, por meio de um sorteio a que podem assistir todos os sócios.

O último a inscrever-se, dentro deste prazo, poderá, ainda, ser o primeiro dos sócios efectivos.

Chamamos a atenção dos interessados para a leitura dos estatutos que vêm publicados noutra lugar.

A Comissão Administrativa

## Notas à margem

(Continuação da página 1)

Logo que se encontraram, sentados frente a frente, Nicodemos, segundo o evangelista S. João, entrou imediatamente no assunto, expondo:

— Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que fazes, se Deus não for com Ele. Dize-nos, pois, que devemos fazer para salvar-nos?

Ao que Jesus responde:

— Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não poderá ver o reino de Deus.

Jesus não teve dúvidas em anuir ao desígnio de Nicodemos, sem o conhecer, prontamente, logo no primeiro instante porque se o Divino Mestre, no dizer do evangelista S. João «não confiava» em todos os que diziam crer na sua palavra «pois a todos conhecia», segundo o mesmo evangelista também «não necessitava de que alguém testificasse do homem porquanto ele bem sabia o que havia no homem».

Por tal razão, nessa entrevista, rodeada de todas as cautelas por parte do entrevistador, Jesus, não recebeu de, pela vez primeira, revelar o seu próximo martírio. No colóquio então estabelecido, o espírito de Nicodemos, deslumbrado, em êxtase, atraído, preso à fluência e eloquência do Verbo divino, toma conhecimento que o filho de Deus veio ao Mundo para o salvar e não para o condenar e que a condenação do homem depende da sua própria vontade ao ver evidenciada, posta em relevo, exemplificada, a verdade, a verdade a que ainda hoje muitos fogem, fechando os olhos, teimando em não querer compreendê-la pela obstinada renúncia à Graça. E Jesus explica:

«A condenação é esta: que a luz veio ao Mundo e os homens amaram mais as trevas porque as suas obras eram más e porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz a fim de que as suas obras sejam manifestas, porquanto são feitas em Deus».

A palavra de Deus é, realmente, palavra de vida eterna. Este episódio ocorrido quando da passagem maravilhosa de Jesus Cristo por este vale de lágrimas, volvidos cerca de dois milénios, nos nossos dias, conserva a mesma flagrantíssima oportunidade...

A época tremenda que vivemos, rodeada de perigos e dificuldades é, ao mesmo tempo, uma época heróica que tem o condão, a grande virtude, de ser bem realista...

A aliança do «sim e do não», as transigências que rebai-xam, as sabujices que despersonalizam, a indiferença — quando se trata do próximo — ante arbitrariedades, ilegalidades ou injustiças, as atitudes-camaleão, a meia-verdade, a justiça-parcial, o culto da mentira, da calúnia e da hipocrisia, etc. etc. se bem que constituam processos que ainda há quem deite mão, com êxito e proveito, felizmente, não passam já de panaceias, há muito condenadas pela ética da doutrina da revolução portuguesa que, dum modo geral, se vão tornando pouco eficientes e pelas quais, dia a dia, vão rareando os adeptos...

Temos de redobrar o combate ao que já não passa de tradições mortas, oriundas dum passado sem grandeza nem saudade, aproveitando todas as ocasiões para exaltar, glorificar, distinguir, a verdade, nua e crua, a verdade-integral que não precisa de sombras nem de trevas para se expor, proclamar e circular porque o seu clima próprio, normal, natural, o seu grande ambiente, é a luz, a luz plena do dia...

Decididamente... há que nascer de novo!

JOÃO D'ALDEIA

Visado pela Comissão de Censura



# Em honra da Imaculada Conceição DE OITO EM OITO DIAS

No C. Católico

Nesta cidade tiveram esplendor as festividades levadas a efeito em honra da Nossa Mãe do Céu — Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

No C. Católico de operários realizou-se uma luzida sessão solene, que foi presidida pelo bondoso Padre Bonifácio Lamela, alma mater daquela instituição de cultura e de recreio, que tanto tem ajudado na formação moral e intelectual verdadeiros homens que espalham a sua vida pelos diferentes sectores das actividades operárias desta terra.

Como muito bem ali se disse, Barcelos não tem na devota conta os benefícios por tão benemérita instituição e, esquecendo-se da obra, esquecem o seu verdadeiro impulsor, dessa chama sempre viva de trabalho e de sacrifício e que tem no coração todas as virtudes e na alma todas as bondades — o Reverendo Padre Lamela.

A sessão abriu com recitativos pelas Juventudes Operárias, que foram ouvidos com muito interesse. Depois usaram da palavra os Srs. Belarmino Coutinho, o nosso ilustre camarada da Redacção, Sr. Padre Alberto da Rocha Martins e o Sr. Leal Pinto.

Os oradores mereceram do Sr. Padre Lamela algumas palavras de apresentação, tendo distinguido muito justamente o segundo orador, que num improviso brilhante, que teve presa toda a assistência,

dissertou sobre a Virgem Imaculada Conceição.

Eloquente, vibrante, arrebatador, o Sr. Padre Alberto produziu uma magistral peça oratória como um verdadeiro e grande mestre que é, para quem, no final, o Sr. Padre Lamela teceu um hino do mais justo e apreciado louvor.

Finda a sessão, que decorreu em ambiente de unção religiosa, seguiram-se actos de variedades pelos operários católicos que agradaram, como sempre, porque dispõem bem, pela constante hilariedade de que se revestem.

## Na Igreja Matriz

Na Igreja-Mãe foram levadas a efeito solenidades religiosas em honra da Virgem Imaculada Conceição de Maria, que foram precedidas por um tríduo.

A Igreja esteve sempre repleta de fiés e foram em muitas centenas o número de comunhões, o que demonstra claramente a fé e a devoção por Nossa Senhora — Rainha de Portugal.

No domingo houve missa solene cantada e da parte de tarde houve Terço, admissão das novas Filhas de Maria e bênção do SS.<sup>mo</sup> Sacramento.

Na altura própria subiu ao púlpito o consagrado orador sagrado Padre Américo F. Alves, do Seminário de Braga, que produziu um sermão eloquente, fazendo ressaltar as virtudes e grande dignidade de Maria Imaculada.

Continuação da página 1)

*Muito se tem feito na nossa cidade, mas muito mais há a fazer. Não só no campo material das realizações, mas em todos os sectores da actividade — onde não pode haver ressentimentos, nem affectações.*

*Tem a Câmara, por intermédio da sua pessoa mais representativa, de procurar a união de todos os barcelenses, de conjugar todos os esforços, de chamar a si todas as forças dispersas, que tantas e valiosas são, para trabalhar-se por um Barcelos Maior.*

*Nada de caprichos, de esterilidades ou mesquinheces impróprios do homem que pensa. A vida das terras não pode, nem deve, depender ou subjugar-se a interesses disfarçados em atitudes mais ou menos convencionais.*

*Caminhemos com passo firme e decisivo para o engrandecimento e progresso da cidade e a pessoa que está à frente dos seus destinos é bem suficiente e capaz de levar a cabo todas as realizações projectadas.*

*Todos não seremos de mais para colaborar nessa obra de ressurgimento, mas também não podem dispensar-se certos elementos com que há que contar e da propaganda dos quais a obra gigantesca do Estado Novo muito beneficiou — o Clero.*

*Ontem como hoje, estamos com o Presidente da Câmara — com a sua obra e nesta data em que termina o sexénio determinado pela legislação em vigor apenas auguramos que continui trabalhando pelo bem de Barcelos — pelo seu progresso e engrandecimento em todos os sectores da sua vida: material, moral e social.*

JOTA TÊ

Serviços de Alto-falantes

**CASA SOUCASAUX**

com telefone 8345

Iluminações eléctricas

**Mundanismo**

Fazem anos:

Hoje: — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria Alina Esteves de Melo e o Sr. José Luis Martins.

Amanhã: — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Machado Pais de Araújo Felgueiras Gayo.

Domingo: — A menina Maria Madalena Pereira Rodrigues Moreira e o Sr. Francisco Manuel Cardoso e Silva Dias Gomes.

Segunda-feira: — O menino Rui Manuel Diogo Ferros e o Sr. José da Quinta Gomes da Costa.

3.<sup>a</sup>-feira: — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Pias.

Na presença do Presidente da Câmara, Arcipreste e Presidente da Comissão Municipal de Turismo, foi assinada a escritura de uma Cooperativa de C. Económicas

Na tarde do passado sábado, na sede social à rua D. António Barroso, 10, foi assinada a escritura pela qual a cidade de Barcelos ficou dotada de uma Cooperativa de Construções Económicas designada por «A NOSSA VIVENDA».

Ao acto, a que foi dado o maior relevo, assistiram o Sr. Dr. Mário Norton, presidente da Câmara, Sr. Doutor Eurípedes de Brito, presidente da Comissão Municipal de Turismo, Padre Alfredo Martins da Rocha, Arcipreste Prior de Barcelos, representantes da Imprensa e diversas pessoas de alta representação social.

Após a escritura que foi lavrada pelo notário Dr. Luís Filipe e testemunhada pelos Srs. Drs. Mário Norton e Eurípedes de Brito, falou pelos sócios fundadores o Sr. António Portela que agradeceu a presença das autoridades e disse que ela representava um incentivo e o apoio à obra que tinham realizado.

Em seguida falou o Sr. Presidente da Câmara que apoiou calorosamente a iniciativa e disse que tinha esperanças de que a nova Cooperativa viesse suprir a grande falta de iniciativa particular com que Barcelos luta em matérias de construções.

Terminou o seu discurso fa-

zendo votos para que dentro em muito breve lhe seja dado assistir à inauguração da primeira casa.

Seguidamente pelos sócios fundadores foi oferecido, numa outra dependência, um copo de água aos convidados o que deu motivo a novas afirmações tendo em primeiro lugar falado o Sr. Dr. Eurípedes de Brito, como presidente da Comissão Municipal de Turismo que disse apoiar a iniciativa e que depositava firme confiança, na Cooperativa agora acabada de fundar e que esperava que ela viesse contribuir para uma renovação ao aspecto da nossa cidade com a construção de novos edifícios para os sócios da Cooperativa.

Encerrou a série de discursos o Reverendo Arcipreste e Prior de Barcelos que apreciou o fim da Cooperativa no aspecto moral e social.

Todos os oradores foram muito cumprimentados.

*Jornal de Barcelos* congratula-se com a arrojada iniciativa que vem, efectivamente, trazer novas perspectivas à cidade, no sentido de melhorar o problema da habitação e com a consoladora esperança de fomentar as classes operárias, tão privadas de habitações higiénicas e económicas.

## Doentes

Tem passado doente, encontrando-se, felizmente, em vias de completo restabelecimento o Sr. Dr. Aires Duarte, médico muito distinto e Director da Casa de Saúde de Barcelos.

Também se encontram doentes o Sr. José Pereira da Silva Correia, nosso prezado amigo e assinante, as esposas dos nossos assinantes Srs. Fernando Valério de Carvalho e Campos Henriques e o simpático estudante Luís, filho do nosso ilustre amigo Sr. Dr. Eurípedes Eleazar de Brito, Presidente do Turismo. Estimamos as melhoras.

## Sabonetes e Perfumes

### Bazar de Santo António

Rua D. António Barroso — BARCELOS

### D. Aida Lopes Medeiros

Já se encontra nos braços da sua carinhosa família, nesta cidade, a Sr.<sup>a</sup> D. Aida Lopes Medeiros, que durante mais de dois meses esteve em perigo de vida no Hospital da Ordem de S. Francisco, no Porto, nossa ilustre assinante.

Endereçando à bondosa senhora os nossos cumprimentos, ficamos desejando a continuação das suas melhoras.

## Pelos B. V. de Barcelinhos

Na passada segunda-feira à noite, em ambiente muito íntimo, realizou-se no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos, uma pequenina festa que serviu para testemunhar reconhecimento e gratidão a duas pessoas a quem a Corporação muito deve.

Na presença de todo o Corpo activo, Comando e Direcção da humanitária Associação, o Sr. Miguel Gomes de Miranda, em palavras de verdadeiro sentimento, nas quais realçou essas duas virtudes que o coração dos bem formados alberga, testemunhou às Sr.<sup>as</sup> D. Maria José Garrido Faria e D. Maria Guilhermina Fernandes Faria, sócias honorárias da prestimosa e benemérita agremiação, o apreço, a muita estima e alta consideração em que são tidas nos elementos que vêm administrando aquela Casa e ainda o muito que sentiam pela sua partida para terras brasileiras — que hoje se efectua.

O prestigioso Presidente dos B. V. de Barcelinhos terminou entregando às duas senhoras recordações que representam o mais vivo e sincero testemunho da benemérita Corporação, como reconhecimento pelo esforço de trabalho e de persistência que há tantos anos vêm desenvolvendo em benefício dos Bombeiros.

Falou ainda o Sr. António Araújo, 1.<sup>o</sup> Comandante, que igualmente manifestou a sua admiração pelos dotes de carácter e de trabalho e, sobretudo, pelo carinho e amor que sempre dispensaram aos seus bombeiros.

A Sr.<sup>a</sup> D. Maria José Garrido Faria agradeceu, mas as lágrimas foram mais fortes que as palavras e... pouco disse, mas o seu coração deixou bem transparecer o que sentia, nesse momento derradeiro em que se despedia daquela casa e daquela gente, por quem tanto tra-

## VENDE-SE

Desnatadeira e bateadeira «Melot» em bom estado. Falar nesta Redacção.

## COOPERATIVA

«A Habitação Econ. de Barcelos»

Por assembleia geral que teve lugar na passada quinta-feira, foram eleitos para gerir a Cooperativa «A Habitação Económica de Barcelos», empresa que se propõe construir habitações económicas aos seus associados, os seguintes senhores: Bazílio Lopes Pereira, José Augusto de Jesus da Silva, Emílio Ferreira Pedras, João dos Anjos Lopes e Joaquim Ferreira da Costa Santos.

Com os nossos cumprimentos à nova direcção fica exarado o protesto da melhor colaboração.

## Telha usada

VENDE-SE

Informa a Padaria João Luis

balhou com inigualável dedicação e amor.

Festa pequenina, tão íntima e tão familiar que receamos com as nossas palavras tirar-lhe o encanto e a doçura desses momentos.

Que nos perdoe, mas é justo que sejam conhecidas as atitudes que prestigiam e dignificam, pelo que não resistimos de trazê-las a público.



## EM GILMONDE

### HORAS DE FÉ E GRATIDÃO

A pitoresca freguesia de Gilmonde, simples e humilde no seu viver, mas rica e orgulhosa nos seus pergaminhos pela honradez que possui, escreveu no dia 8 mais uma página brilhante no memorial da sua existência.

O seu povo viveu horas de entusiasmo intenso, de fé e religiosidade. Embora escondida num remansoso torrão de Barcelos, e dotada de um povo essencialmente agrícola, sabe cumprir o seu dever — trabalhando, e ser grata — homenageando aqueles que lhe são caros.

Foi por isso que no dia 8 — dia da Imaculada Conceição de Maria, por iniciativa própria, se revestiu das mais ricas galas para homenagear um dos seus maiores benfeitores — o seu amantíssimo Reitor que festejava as Bodas de Ouro Sacerdotais. A festa foi precedida de luzida adoração com sermão brilhante pelo douto orador Dr. Jesus Ribeiro. Na véspera notava-se já um certo afã e os rostos resplandeciam uma alegria intensa. A medida que a tarde ia caindo, recrudescia o entusiasmo e o povo aglomerava-se mais e mais para assistir ao levantamento dum grandioso arco que honra o seu arquitecto a quem endereçamos os nossos parabéns bem como às briosas raparigas que com mãos de fadas tão lindamente o enfeitaram numa admirável combinação de cores. Na manhã de 6.ª feira viam-se as crianças sorridentes com seus vestidos alvinhentos, parecendo anjos do céu que vinham associar-se a tão grande como linda festa. Os caminhos encontravam-se artisticamente engalanados e alcatifados de verduras: as bandeiras desfraldavam ao vento, sobressaindo o magestoso arco, testemunho inofismável do amor e gratidão do povo ao bondoso P.º João Gomes do Vale.

\*

Pela volta das 10 horas e meia o homenageado subia ao altar para principiar a missa solene acolitado pelo Rev. Padre Palmeira, de Milhazes e Rev. P.º Areias da Costa, de Vila Seca. Serviu de credenciário o Rev. Padre Miranda de Carvalho, de turiferário o Rev. P.º José Ferreira e dirigiu as cerimónias litúrgicas, o Rev. P.º Cirilo, muito ilustre filho da terra. A Scola Cantorum da Oficina de S. José de

Braga executou a missa numa polifonia de efeito admirável e com uma perfeição que nunca observamos em Bandas de música.

Finda a missa, enquanto os fiéis escutavam silenciosamente os acordes vibrantes do hino do Sacerdócio, os colegas da Palestra fizeram-lhe oferta dum sugestivo quadro, tendo, no momento o Padre Areias pronunciado palavras alusivas ao acto. E agora a caravana de convidados dirigia-se, por entre as aclamações vibrantes do povo e de baixo dum chuva de flores, para a residência paroquial onde foi servido um lauto banquete que decorreu num ambiente familiar tendo dado margem a efusivos brindes. Queremos destacar a saudação do Reverendo Padre Alfredo Rocha que, naquele feitiço agradável, manteve atentos todos os presentes enquanto ia tecendo seus louvores ao Colega, exemplo de Sacerdote.

Finalmente o Snr. Reitor levanta-se para agradecer.

Mas como e a quem? Ah! Mas aquelas lágrimas que lhe regavam as faces eram bem significativas — eram lágrimas de agradecimento. Dentre todos destaca um Sacerdote que ele baptizara, — o Snr. Padre Cirilo que, diz ele — foi o causador daquela partida.

E entre os abraços de felicitações terminou o almoço que tão belas recordações nos deixou.

Lembra-nos ainda ouvir ler vários telegramas entre os quais um da grande benfeitora da terra, D. Elvira Barroso — ausente no Rio de Janeiro. Após uns momentos de repouso deu-se início às cerimónias da tarde: terço, sermão, Coroação da Senhora de Fátima, procissão e bênção do Santíssimo.

E entre novas e entusiásticas manifestações do povo, terminou este grande dia que há-de perdurar no coração de todos recordando sempre a gratidão do povo de Gilmonde ao Snr. Padre João Gomes do Vale.

Não queremos terminar sem felicitar a distinta Comissão das festas sobretudo o Sr. Padre Cirilo que foi a alma de todo o entusiasmo e ao ditoso Reitor e nosso bondoso amigo enviamos mais uma vez cordeais saudações formulando votos por uma continuação longa de apóstolo fecundo.

Areias da Costa

### João Miranda

Encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo Sr. João Esteves de Miranda, funcionário administrativo.

## CARTAZ

«do Jornal de Barcelos»

### CINEMA

Hoje realiza-se no Cine-Teatro Gil Vicente uma sessão às 21 horas para a exibição do estupendo filme francês:

#### O Cabaret de Cupido

Entrecho atraente e hábilmente contado, com graça, movimento, intriga, amor e imprevisto.

Com **Pierre Blanchar**, artista de grande renome, Simone Renant, esbelta e sedutora.

Um exclusivo da Mundial Filmes.

No domingo, 17, às 15 e às 21 horas, a super-produção da tragédia amorosa de Joana a Louca e Filipe o Formoso, um dos mais singulares momentos da história espanhola. Um filme que obteve o 1.º Prémio de Cinematografia

#### LOUCA POR AMOR

O mais puro amor enegrecido pelos ciúmes.

DOCUMENTÁRIO DE BARCELOS: A pedido é novamente exibido nas duas sessões.

#### FUTEBOL

No proximo domingo temos no campo A. Ribeiro Novo, a continuação do campeonato popular com os jogos J. O. C. Sporting e Atlético-Bairro, com início às 14,30 horas.

#### FARMÁCIAS DE SERVIÇO

No próximo domingo estão de serviço permanente as Farmácias Carlos Ramos, à Rua Barjona de Freitas e Faria em Barcelinhos.

### CANETA

Perdeu-se uma, marca Warwer, desde o Largo do Bonfim até ao Campo 5 de Outubro.

Gratifica-se a quem a entregar na Tip. «Vitória»

### Pedido atendido

Solicitamos oportunamente para que fosse arranjado o Largo fronteiro à Igreja de Santo António, pois encontrava-se em estado deplorável, especialmente nos períodos de chuva, que se tornava intransitável.

Fomos atendidos, porque a Câmara, pela repartição competente, mandou pavimentar o referido Largo.

Registando esta atenção, pedimos agora que tenham o mesmo fim os Largos do Cemitério e Guilherme Gomes Fernandes, este em Barcelinhos.

Não tem sentido que se mande remendar este último, no lugar precisamente em que menos falta faz e se deixe a parte restante ao abandono.

## O que é uma Cooperativa?

Uma Cooperativa é uma sociedade em que os seus membros se ajudam mutuamente para melhorar as condições da sua vida doméstica e social.

Na hora presente em que as classes menos privilegiadas não podem, com os seus recursos construir o seu ambicionado lar, todos os empregados, operários, pequenos comerciantes e agricultores devem juntar-se à Cooperativa a qual se compromete a construir a casa dos seus sócios.

Entre para uma Cooperativa e terá garantida a «sua» Casa

Para mais informações dirijam-se à Cooperativa

### A Habitação Económica de Barcelos

Largo da Porta Nova 3-1.º (por cima do Café Matos) — Barcelos

Não vista essa Gabardine:

é velha, mete água por todos os lados e não está compatível com a sua posição.



SEM DEMORA, COMPRE UMA NOS

### Armazéns de Barcelos, L.ª

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 13-14-15 — Telefone 8465

BARCELOS

Gabardines desde 400\$00!!!

## CICLISTAS!

Chegou o Inverno e trouxe com ele o vosso eterno flagelo da Chuva. Já podeis andar debaixo de chuvas torrenciais e já podeis atravessar os mais rigorosos Invernos, que o vosso problema está resolvido graças à patente de invenção que criou umas maravilhosas capas impermeáveis próprias para vós e aonde não entra sequer uma pequena gota de água.

Visitai a CASA RÁJÁ e além desta autêntica maravilha, também tem capas impermeáveis para as crianças das escolas.

### CASA RÁJÁ

(Esquina das Ruas D. António Barroso e Barjona de Freitas)

Enorme quantidade de lindíssimos padrões para camisas e gravatas, um variadíssimo sortido de malhas para criança, homem e senhora e as mais bonitas novidades.

SEMPRE SALDOS! Trincheiras, Zambrenes e guarda-chuvas.

## Cooperativa de Construções Económicas

### «A NOSSA VIVENDA»

(S. C. R. L.)

Por escritura de nove do corrente lavrada nas notas do notário deste concelho, Luís Filipe Pinto de Afonseca foi constituída definitivamente pelos sócios fundadores: Miguel Macedo Gajo, comerciante; António Augusto da Rocha Portela, comerciante; Custódio Lopes Rodrigues, funcionário municipal; Joaquim Reis, médico; Francisco José Pacheco Rodrigues, comerciante; José António Rodrigues, industrial; Artur Vieira de Sousa Basto, comerciante; António Alberto de Miranda Arantes, comerciante; Eduardo Correia Vilas Boas, funcionário administrativo; Alfredo Pinto Pereira Lomba, comerciante; Artur Pinto Coelho, funcionário administrativo; Augusto Henrique Moreira, empregado comercial; Mário Augusto Viana de Queiroz, médico; José da Silva Guedes Encarnação, funcionário administrativo; Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras, comerciante; Simplício da Conceição Landolt de Sousa, funcionário corporativo; António Azevedo Coelho Gonçalves, escriturário; Cristiano Alves Coutinho, guarda livros; Filipe dos Santos Ferreira Vale, comerciante e José da Costa Teixeira, comerciante, todos residentes nesta cidade, uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada cujos estatutos são os seguintes:

#### CAPÍTULO I

#### Denominação, Sede, Duração, Área e Fins

Art. 1.º — É constituída na cidade de Barcelos uma Sociedade Cooperativa, sob a forma anónima de Responsabilidade Limitada, (S. C. R. L.) com sede na mesma cidade e cujo escritório será provisoriamente na Rua D. António Barroso, n.º 10-1.º, que adoptará a denominação de «A Nossa Vivenda», reger-se-á pelos presentes Estatutos e pelas disposições legais aplicáveis.

## SONHOS

É UMA ESPECIALIDADE DA  
PASTELARIA ARANTES

SAEM FRESCOS, TODOS OS DIAS



# BOLO-REI MELDOIRO

O MAIS FINO — O MAIS SABOROSO. O REI DOS BOLOS-REIS.

Todos os Bolos-Reis MELDOIRO levam uma surpresa de bom gosto!!!

Depositário em Barcelos: CONFEITARIA D. ANTÓNIO BARROSO

**Art. 2.º** — A sua duração é por tempo indeterminado a contar de ontem e a sua acção abrange todo o território do Continente Português.  
**Art. 3.º** — O seu objectivo é a aquisição de terrenos e a edificação neles de construções de carácter económico para os seus associados, e a aquisição, ampliação, ou reconstrução de casas feitas de harmonia com a legislação aplicável e com as disposições regulamentares da Sociedade.

## CAPÍTULO II

### Capital

**Art. 4.º** — O Capital social ilimitado e variável é do mínimo de 2.000\$00, está já integralmente subscrito e realizado, em dinheiro, por vinte sócios fundadores e é representado por acções nominativas de 100\$00 cada uma.

§ Único — Os títulos satisfarão ao determinado no art. 218.º do Código Comercial e só poderão ser transmitidos a outrem com autorização da Direcção.

**Art. 5.º** — A Cooperativa procurará conseguir, nos termos da Lei em vigor, empréstimos do Estado, da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou de qualquer outra instituição pública ou particular à taxa de juro legal, podendo dar como garantia os seus bens imobiliários e destinando a importância total dos empréstimos exclusivamente aos fins indicados no art. 3.º.

## CAPÍTULO III

### Sócios e sua admissão

**Art. 6.º** — Haverá apenas uma categoria de sócios que se designarão por efectivos.

**Art. 7.º** — Podem ser admitidos como sócios todos os indivíduos de ambos os sexos que se encontrem no gozo dos seus direitos civis e ainda os menores quando legalmente representados.

§ Único — A mesma doutrina se aplica aos corpos administrativos, pessoas colectivas de utilidade pública e às instituições desportivas, de recreio ou quaisquer outros organismos legalmente constituídos, mas quando destinem a construção ou construções à instalação da sua sede social.

**Art. 8.º** — Os candidatos serão propostos por um sócio no pleno uso dos seus direitos, competindo à Direcção admiti-los ou rejeitá-los.  
 § Único — Não é permitido a qualquer sócio ter mais que uma inscrição.

## CAPÍTULO IV

### Direitos e Deveres dos Sócios

**Art. 9.º** — São deveres comuns a todos os sócios: a) - pagar dentro dos prazos estabelecidos as cotas e amortizações; b) - servir os corpos sociais para que forem eleitos; c) - defender o prestígio e o bom nome da Cooperativa; d) cumprir, observar e respeitar rigorosamente todas as disposições estatutárias e regulamentares; e) - comunicar, por escrito a mudança de residência.

**Art. 10.º** — São direitos comuns a todos os sócios: a) - eleger os corpos directivos, desde que se encontrem com os pagamentos em dia; b) - tomar parte nas assembleias gerais; c) - utilizar-se dos empréstimos contraídos pela Cooperativa para fins sociais, sujeitando-se ao pagamento dos juros; d) - ser admitidos como empregados da Cooperativa, com preferência absoluta sobre os outros candidatos; e) - escolher livremente onde pretendam edificar as suas casas; f) - escolher o técnico para elaborar o projecto e caderno de encargos, bem como contratar directamente com os empreiteiros as respectivas obras de construção, ficando, no entanto, todos esses documentos e contratos sujeitos à apreciação e aprovação da Direcção; g) - ceder a pessoas hábeis para sócios as suas posições na Cooperativa desde que tenham em dia o pagamento das suas cotizações que deverá ser acrescido de 50\$00 para despesas de expediente. Esta cedência poderá ser efectuada mesmo no caso do sócio cedente já usufruir casa construída ou adquirida pela Cooperativa; h) - agrupar ou permutar as suas posições; i) - mudar de classe.

§ 1.º — Os sócios que pretendam utilizar-se dos empréstimos a que se refere a alínea c) deste artigo, pagarão os juros somente até que, pelo seu número de ordem ou sorteio, lhe caiba a vez de construir.

§ 2.º — Os sócios efectivos fundadores só poderão ceder ou permutar a sua posição de construir passados três anos após a sua inscrição, salvo a permuta entre os próprios fundadores.

**Art. 11.º** — Perde os direitos sociais: a) - o sócio que deixar de pagar seguidamente as cotas e amortizações correspondentes a dois meses, salvo quando se mostre que a suspensão do pagamento é devida a doença grave, pena de prisão ou desemprego; b) - o sócio que pedir a demissão ou ceder a sua posição a outrem; c) - o sócio que contribuir, por palavras ou actos, para o descrédito da Cooperativa.

§ Único — Os sócios que incorram na falta de pagamento a que se refere a alínea a) serão avisados, por carta registada, para legalizarem a sua situação no prazo de 15 dias, e se não o fizerem, dentro deste prazo, serão demitidos e reembolsados com 80% do capital que tiverem realizado.

**Art. 12.º** — Os sócios que provem que, por motivo de força maior, não podem continuar na Cooperativa, receberão integralmente o capital realizado.

**Art. 13.º** — Os sócios pertencentes a uma só categoria serão distribuídos por cinco classes: os da 1.ª classe pagarão a cota mensal de 40\$00, sendo 37\$00 para a realização do capital e 3\$00 para a Administração; os das outras classes pagarão estas quantias multiplicadas pelo número correspondente à sua classe.

**Art. 14.º** — Os sócios da 1.ª classe terão direito à quantia de 30.000\$00 sendo 22.500\$00 para a construção e 7.500\$00 para a aquisição de terreno; quantias estas igualmente multiplicáveis pelos números correspondentes às respectivas classes.

**Art. 15.º** — A ordem de construção conforme as disponibilidades financeiras será a seguinte: duas casas pelo número de ordem dos sócios e uma por sorteio. Podem entrar neste sorteio todos os sócios que tenham um ano de cotizações pagas e estejam no pleno gozo dos seus direitos.

§ 1.º — A regularidade de construções só entra em vigor em 1 de Janeiro de 1953 e, até esta data, a forma de chamada será regulada pela seguinte maneira: a) - No ano de 1951 só se farão construções da

1.ª classe; b) - no ano de 1952 só serão construídas casas de 1.ª e 2.ª classe; e c) - no ano de 1953 em diante levar-se-ão a efeito construções de qualquer classe.

§ 2.º — O primeiro sorteio realizar-se-á logo que haja 50 sócios com um ano de cotizações pagas.

**Art. 16.º** — Construída a casa, o seu custo, depois de deduzida a importância que o sócio tiver capitalizado, será amortizado sem qualquer juro, em 250 mensalidades.

§ Único — Exceptuam-se das disposições deste artigo os sócios que tenham construído antecipadamente, por meio de empréstimos, que pagarão os respectivos juros até que, por inscrição ou sorteio, lhes chegue a sua vez de construir sem juros.

**Art. 17.º** — As receitas da Cooperativa são de três espécies, a saber: a) - destinada a encargos de «ADMINISTRAÇÃO»; b) destinada à integração do capital; c) - destinada à constituição do Fundo de Reserva legal.

§ 1.º — A receita destinada a encargos de «ADMINISTRAÇÃO» é constituída por: a) - 3\$00 — preço do exemplar do Estatuto; b) - 3\$00 — preço do exemplar da caderneta (conta-corrente); c) - 3\$00 — taxa mensal referida no art. 13.º, multiplicada, como se disse, pelo número de classe de cada sócio; d) - por quaisquer outros rendimentos designados no Regulamento Interno.

§ 2.º — A receita destinada à integração do «CAPITAL» resulta das cotas e das amortizações pagas mensalmente pelos sócios.

§ 3.º — A receita destinada à constituição do «FUNDO DE RESERVA LEGAL» é proveniente da jóia de 10\$00, por classe, paga pelo sócio.

**Art. 18.º** — Os pagamentos das cotizações mensais e amortizações terão de ser feitos na sede, impreterivelmente, até ao dia 8 de cada mês seguinte aquele a que respeitam.

## CAPÍTULO V

### Falecimento de Sócios

**Art. 19.º** — No caso do falecimento de qualquer sócio que não usufrua casa, serão os seus direitos sociais integralmente transferidos para a pessoa, pessoas ou entidade que o falecido tiver designado numa carta lacrada que, em qualquer altura, pode ser retirada e substituída por outra pelo próprio sócio, ou, na sua falta, para os seus herdeiros legítimos, os quais tomarão na Cooperativa a posição do falecido, ou se assim o preferirem, levantarão, sem qualquer desconto, o saldo positivo do capital realizado.

**Art. 20.º** — Se o sócio falecido já usufruir casa e o beneficiário designado na carta acima referida ou os herdeiros legítimos não quiserem ocupar na Cooperativa a posição do falecido será a casa vendida pelo maior lance oferecido e o seu produto, depois de deduzidos todos os débitos e encargos, será entregue a quem de direito.

**Art. 21.º** — A Cooperativa desobriga-se de qualquer dever ou responsabilidade para com os herdeiros legítimos dos sócios falecidos desde que eles não tenham sido designados como beneficiários na carta em poder da Cooperativa.

## CAPÍTULO VI

### Administração e Disposições Gerais

**Art. 22.º** — A Administração será exercida gratuitamente pelos seguintes corpos sociais eleitos por 2 anos: a) - Direcção — composta de cinco membros: Presidente, Secretário, Tesoureiro e dois Vogais; b) - Conselho Fiscal, composto de três membros: Presidente, Secretário e Relator; c) Mesa da Assembleia Geral, composta por três membros: Presidente, 1.º e 2.º Secretários.

§ Único — Além dos membros efectivos serão eleitos, também igual número de substitutos.

**Art. 23.º** — Os direitos dos sócios considerados no art. 10.º serão regulados pelas disposições estatutárias e regulamentares vigentes à data da sua inscrição, salvo acordo em contrário, devidamente autenticado, que será arquivado na Cooperativa.

**Art. 24.º** — As Assembleias Gerais serão constituídas por todos os sócios no gozo dos seus direitos.

§ 1.º — Poderá qualquer sócio fazer-se representar por outro sócio mediante carta assinada pelo seu próprio punho e dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, desde que ambos, representante e representado, se achem nas condições impostas no corpo deste artigo.

§ 2.º — Nas mesmas condições do parágrafo anterior terão representação os menores pelos pais ou tutores, bem como as esposas e filhas solteiras, maiores, pelos maridos ou pais, ainda que estes não sejam sócios.

**Art. 25.º** — As Assembleias Gerais serão ordinárias e extraordinárias; as primeiras terão lugar nos meses de Janeiro a Março para discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal e no mês de Dezembro, para discussão e votação do orçamento ordinário e eleição dos corpos gerentes; as segundas sempre que a Mesa desta o julgue conveniente ou a requerimento de 10 sócios no gozo dos seus direitos, da Direcção ou do Conselho Fiscal.

**Art. 26.º** — Todas as deliberações se consideram sempre aprovadas por maioria de votos e, seja qual for o seu capital, cada sócio terá apenas direito a um voto.

**Art. 27.º** — Para serem válidas as deliberações sociais com respeito às possíveis alterações ao presente Estatuto durante os primeiros quinze anos, é indispensável que sejam votadas nominalmente pelo mínimo de dez sócios fundadores e na sua falta ou depois deste prazo pela maioria dos sócios que estejam inscritos há mais de um ano e no pleno uso dos seus direitos.

**Art. 28.º** — Em todos os casos omissos neste Estatuto aplicar-se-ão as disposições do Código Comercial Português, da Legislação Cooperativista e da que regular a construção de Casas Económicas e dos Regulamentos da Cooperativa.

Barcelos, 9 de Dezembro de 1950.

O Ajudante da Secretaria Notarial

João Alves de Faria

COMARCA DE BARCELOS

## ANÚNCIO (ARREMATÇÃO)

Para os devidos efeitos, se faz saber que, nos autos de execução ordinária requerido por Manoel Carreiras de Freitas Guimarães, casado, proprietário, desta cidade, contra Abílio Rodrigues Barbosa e mulher Rosa Gomes Pereira, ele comerciante e ela doméstica, moradores na Avenida Alcides de Faria, desta mesma cidade, foi designado o dia vinte e um de Dezembro, próximo, pelas onze horas, à porta do Tribunal Judicial sito nos Paços do Concelho de Barcelos para a arrematação em hasta pública do prédio penhorado: — Casa torre, com quintal, sita na Avenida acima referida da freguesia de Arcoselo, inscrita na matriz urbana sob o artigo duzentos e vinte e sete, que será entregue a quem maior lance oferecer acima do seu valor matricial de dois mil e cento e sessenta escudos, ficando as despesas da praça e respectiva sisa a cargo do arrematante.

Barcelos, dezoito de Novembro de mil novecentos e cinquenta.

O Juiz de Direito,

Augusto Moreira Teixeira de Barros

O Chefe da 2.ª Secção,

Eurípedes Eleazar de Brito

(Publicado nos n.ºs 49 e 50, de 7 e 14/12/50)

## Prédio — Vende-se

Casa torre, com terra de lavradio e árvores de fruto. Dá pão e vinho. À beira da estrada, lugar de Moreiros, da freguesia de S. Veríssimo. Presta informações António Joaquim Gomes, naquele mesmo lugar.

## FAIT

Vende-se um, em bom estado, com cavalo ou sem ele, por preço módico.

Para ver e tratar com o Sr. Joaquim Michardo em Barcelinhos ou com António Martins da Silva, em Aborim — Tamel.

## Sapato Perdido

Gratifica-se quem o entregar na garagem de bicicletas Sousa & Sousa, junto do Senhor da Cruz — Barcelos.



Redacção e Administração:  
Rua D. António Barroso, 42-44  
TELEFONES 8418 e 8451

# Jornal de Barcelos

Composto e Impresso:  
Tipografia «Vitória»  
BARCELOS—Tel. 8428

## BIBLIOGRAFIA

### O SANTO E A DUMO

(S. Martinho de Dume, na lenda e na tradição)

Por Manuel Boaventura

Na cidade de Braga, por iniciativa da Câmara Municipal e sob o alto patrocínio do Arcebispo Primaz, realizou-se, este ano, a comemoração solene do XIV centenário da chegada de S. Martinho à Península.

Foram convidados os melhores valores intelectuais e literários, não só do País como da Espanha, para, com trabalhos de investigação histórica ou de brilho literário e artístico, enriquecerem esse notabilíssimo Congresso que assinala uma página luminosa na história brilhante da Cidade dos Arcebispos.

O nosso distinto colaborador e conhecido publicista Manuel de Boaventura, como não podia deixar de ser, também foi convidado para esse Congresso, apresentando trabalhos curiosos e que, um dia virão à estampa. Hoje apraz-nos registar a conferência sobre S. Martinho de Dume, na lenda e na tradição, onde o grande escritor, num fino recorte literário de belesa incomparável, revela a altura dos voos da sua prodigiosa fantasia. Na verdade, só quem conhecer bem a história complicada da Diocese de Dume, avaliará suficientemente o valor artístico deste trabalho do Senhor Manuel de Boaventura. Já conhecíamos várias obras do distinto polígrafo, algumas das quais por amável oferecimento do escritor, e sabíamos até da facilidade com que a sua imaginação criava motivos de belesa, mas nunca sonhamos possível emoldorar a figura austera de S. Martinho de Dume na gase misteriosa da fantasia e da graça. Felicitamos, num grande abraço, o querido amigo pelo seu trabalho e oferecemos aos nossos leitores, que tanto apreciam os escritos de M. Boaventura, este delicioso naco de prosa, com que inicia o seu trabalho:

1

*Para lá das anfratuosidades e torcicolos do Savo e à quem das margens virgilianas do Dravo, que levam caudalosas águas ao grande Danúbio, ficam os vales umbrosos, as florestas cerradas e as altas montanhas, de cimeiras nevadas, do longínquo país da Suábia, no coração da Europa.*

*Terra extensa e dilatada, mas pleiônica de gentes, gerescidas dos velhos troncos góticos e germânicos, sentia-se carecida de espaço e sedenta de horizontes, para expansibilidade do génio migratório e espírito aventureiro da grei. Por isso os suevos rumavam ao Ocidente, em cata das terras do Sol, onde os sábios da raça, localizavam paraísos de fortuna e os rapsodos fantasiavam beldades e cantavam riquezas ofiranas — a baloiçarem-se, no dorso das vagas ourescentes, do grande «rio Oceano...»*

2

*A horda levantara dali, muitos anos antes, através das montanhas, vadeando rios de águas revoltas, acampando nos vales, junto de regatos e nascentes; mas sempre o pensamento ao largo, nas terras misteriosas, que agasalhavam o próprio Sol, nesse fim do mundo, que era a Ibéria, tão cubiçada dos romanos civilizados, como dos bárbaros truculentos e demolidores.*

*Os poetas, entre os quais havia já alguns cristãos, cantavam-na: «Oh! terras pingues, ricas de humus, acariciadas de sol e ressumantes de frescura; de florestas densas de robles e sobros; de soutos de castanheiro; de viridentes pomares, onde floresce a vide sagrada, cujo fruto sublimado sobe ao altar e, dali, ao Céu, no milagre da transubstanciação — feito sangue de Jesus Cristo! — Oh! terras amorosas criadoras do óleo dourado, que alumia os sacerdotes na penumbra litúrgica dos templos de Deus! — dai guarida aos lonjanos, que vos demandam, em cata de pátria nova!»*

*Era a terra-santa, que procuravam e alfin, encontraram — ao cabo de trabalhosas canseiras.*

3

*O presbítero Martim — um jovem que descendia da estirpe dos maiores, nascido num vale frescalho da provincia danubiana, de pais de tão acrisolada religião, que dedicaram a vida do primogénito ao serviço exclusivo de Deus, — sentia, em si, no estuar do sangue e na fortaleza de ânimo, a ânsia do apostolado. E, bem-rezada, que foi, a sua primeira missa, na clara igrejinha do vale panonês, tomou o bordão de peregrino, suplicou as bênçãos dos progenitores e seguiu o rumo do Oriente, a beijar o chão sagrado, calcado pelas sandálias de Cristo, na senda da Via-dolorosa.*

*Após, foi percorrer o deserto escaudejante, no desejo de ouvir os santos eremitas, que conversavam com Deus e dele recebiam a inspiração para difundir a palavra santa, distribuir as graças do céu, entre os fiéis e alcançar fortaleza ante as enganosas tentações do demónio, encarnado em especiosa e atraldora luxúria; ou na gula obsedante, que os delírios da debilidade provocam.*

A. ROCHA MARTINS

## Todas as quintas...

### Filigranas

*Andam almas em pena quando desce a noite na charneca. Terra de malefício. O ar é cinzento; a planície vasta e vazia como o mar, que por lá passou há milhares de anos. As portas dos celeiros batem ao vento. Um fogo misterioso queima o ar e a água.*

*Na lisa uniformidade da terra chã, os caminhos arenosos, por onde dantes se alargava a clara barba ondeante dos rios, vão crescendo tanto que nunca a vista lhes alcança o fim.*

*Melancolia, monotonia, dor do igual...*

*Nos altos pinheiros enegrece a folhagem, arripiam-se os salgueiros. Terra árida da campina, vai a charrua gritando desolada a avareza dos campos!*

*Lamenta-se o vento a voz dos homens.*

*E um povo de sombras passa ali curvado, como ao peso de um castigo ou de uma maldição...*

### Uma graça

*A criada da provincia, chega há poucos dias. Fundiu-se uma lâmpada, e um filho dos patrões, alumian-do-se com uma vela, deu-lhe certo geito e arranjou-a. Avariou de novo. A patroa, segurando na mão esquerda uma vela tenta arranjá-la com a mão direita.*

*Esforço inútil.*

*A criada: — Acheguelhe mais o lume, senhora. Noitro dia o menino tamem lho achegou e ela achendeu logo...*

### Uma quadra

*O amor caminha entre escolhos, Louco e cego de nascença. Mas, às vezes, abre os olhos, Vê-se ridículo e... pensa!...*

### Um pensamento

*Não pode ser melhor mestre de invenções a necessidade ou apetite mau para o mal, do que é engenhosa e perfeita a caridade para o bem.*

### Um adágio

*Em chegando São Tomé, todo o tempo noite é.*

### Ponto final

*Amar, é tudo o que há de bom na vida.*

## No Centenário de Guerra Junqueiro

(Continuação da página 1)

rar acima das negregadas correntes que envenenavam o pensamento e deformavam a consciência daquele tempo.

Além disso, ninguém o poderá negar, a sua obra é inferior ao seu génio, porque muito do que escreveu só pode ter um lugar digno, o cesto dos papeis velhos.

Não se nos seja levado à conta de rigorismo este modo de dizer, pois, no artigo do número quarenta deste mesmo jornal, ficou bem patente o nosso modo de ver a respeito deste poeta, pelo que queremos hoje, principalmente, chamar a atenção dos críticos e reeditores das suas obras para estes aspectos que em nada contradizem aquilo que escrevemos.

Nada nos custa acreditar que o poeta doce dos «*Simples*» fosse sincero nas suas últimas confissões e se haja convertido a Deus pelo arrependimento. A verdade, porém, é que esse arrependimento, sempre a tempo para o homem, foi demasiado tardio para o escritor, pois, Guerra Junqueiro não pode produzir uma obra construtiva e verdadeira que viesse desfazer o mal e a desorientação causados pela primeira. Isto quer dizer que podemos perdoar ao homem, mas não poderemos fazer o mesmo ao escritor. O seu arrependimento, posto em dúvida por muitos escritores, não é o bastante para o resgatar do mal que as suas obras geraram no seio da sociedade.

É assim que deve ser visto Guerra Junqueiro e deve haver o cuidado e a inteligência de, ao reeditar uma antologia das suas obras, expurgar convenientemente o que não está certo, por não ser nada educativo, nem cristão, nem português ressurgir para a mocidade de hoje aquilo que envenenou a mocidade de ontem.

### Na nossa Redacção

Por ter retirado para a cidade do Porto, deu-nos a honra dos seus cumprimentos de despedida, gentileza que agradecemos, o Sr. Tenente Coronel Manuel Carmo Gonçalves, nosso illustre amigo e assinante.

— Com o mesmo fim, esteve na nossa Redacção o

Sr. António Acácio Pêgo Guedes, Agente da Fiscalização do Horário de Trabalho, que acaba de ser transferido para o concelho de Guimarães.

Ao illustre funcionário, que nesta cidade gozou de muito prestígio e consideração desejamos muitas felicidades.

## NOTA FINAL

### Novena do Menino Jesus

Na forma do costume dos anos anteriores, inicia-se no próximo sábado, no Templo do Senhor da Cruz, pelas 19 horas, a novena do Menino Jesus, cuja cerimónia será revestida de imponência e solenidade como vem sendo tradição.